

Carta de amor em Vermont

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

[Grupo Multiplicadores de Visat Saúde-Trabalho-Direito]

Tenho um amigo americano... americano, sambista, apaixonado pela Portela. Seu nome é Mark.

Quando o conheci em New Orleans, há 40 anos, foi amor à primeira vista. Sua mulher, Louise é sua maior paixão desde sempre. Mas ela tem um problema: medo de avião. E Mark adora o Brasil. Por isso, nas inúmeras viagens que Mark fez ao Brasil veio só. Quando o conheci ele era um enfermeiro militante pelos direitos da categoria. O casal, esquerdista genético por obra do acaso, tinha pais que haviam sido perseguidos pelo macartismo nos anos 50. Há muitos anos o casal trabalha em organizações de direitos humanos. Como eu nunca mais voltei aos Estados Unidos, só vejo Louise (raramente) pela telinha do computador. Mark, volta e meia, vejo-o em carne e osso e damos boas gargalhadas.

Sua paixão pelo Brasil permite que nós ríamos em português que ele estuda há muitos anos. Hoje nos vemos menos do que gostaríamos. Se alguém me perguntar por que trago Mark por aqui, devo explicar. Tenho alguns amigos que odeiam tudo o que diz respeito aos americanos. A sua incapacidade de serem críticos do imperialismo e, ao mesmo tempo, apreciarem a música, o cinema, a literatura, a poesia, a arte plástica, a ciência americana, é um atestado de pobreza intelectual e ideologia truculenta. Não gosto disso, confesso. Como negar Rosa Parks, Jonas Salk, Angela Davis, Carl Sagan, Martin Luther King, Maya Angelou, Ernest Hemingway, Walt Whitman, Billie Holiday, Thomas Edison, Louis Armstrong, Nat King Cole, Walt Disney, Andy Warhol, George Gershwin, Jean-Michel Basquiat, Cole Porter ... (?). Para cada um dessa inesgotável lista de notáveis, podemos acrescentar centenas, milhares, talvez. Os que a negam nos inspiram pena. Não sabem o que perdem, assim como não sabem o que perdem os que destroem a cultura brasileira, fascistas recém-surgidos das trevas. Isso vale para todas as culturas, para todas as listas, mundo afora, e para todos os fascistas que as renegam. Quando a Alemanha nazista “inventou” uma cultura “pura”, ariana, e incinerou, literalmente, toda a cultura que não lhe era obediente, não conseguiu apagar Marx, Beethoven, Brecht, exemplos para não estender uma lista igualmente inesgotável... e por aí vai. Destruir ou não reconhecer as mais belas criações da natureza humana, seja onde for, em que país, em que contexto, em que circunstância, é um sinal extremo de bestialidade e negação da arte e da ciência como elo de

contemplação e busca de harmonização entre os frágeis seres da espécie animal humana. Isso sem falar no esporte, outra reserva humana, hoje tão mercantilizada, de harmonia entre os povos. É a consumação natural da alma hostil. Mark, numa das vezes em que esteve comigo no Brasil, há muitos anos, um dia num bar em Santa Teresa, aqui no Rio de Janeiro, sabendo que sou um apaixonado pela música americana (e, claro, brasileira, argentina, portuguesa, francesa, italiana, boliviana, cubana, africana, colombiana e, nossa!, essa lista nunca acaba) me revelou uma espécie de segredo. Falávamos sobre jazz, blues, bossa nova, tangos, boleros e fados. Disse-me Mark: *Louis Carlous, querru mostráar uma carrrta que só moustrei para a mulhérrr de minha vida. Nunca mostrreei pra ninguum.* A melhor coisa que a gente faz quando não entende bem do que se trata e do que deve dizer é ficar calado. Ele também ficou calado, tirou um papel da velha carteira, como se fosse um ritual secreto.

Naquela época, os celulares ainda eram tijolos sem direção para onde seriam atirados. Não guardavam esse tipo de coisas... Com o papel amassado na mão, depois de um certo tempo, Mark fez um preâmbulo. Disse que tinha escrito a carta para Louise, quando ele a conheceu no estado de Vermont, nos Estados Unidos, na cidade de Burlington. Vermont é um estado rural pequenininho na fronteira do Canadá. Imaginem o frio, só o calor da alma para salvar... Eu fiquei muito emocionado, e em silêncio, quando ele disse que tinha traduzido a carta para o português, para ler pra mim em alguma ocasião. Ele achou que a ocasião havia chegado. Eu não sabia que ele estava certo.

Depois de lida, ele me deu de presente aquele papel cheio de amor e me deu a permissão para que eu a mostrasse para alguém, no dia em que eu achasse apropriado.

Depois de muitos anos, achei que o dia é hoje. Quem ler esse texto aqui, com certeza, é alguém que amo.

Carta para Louise

Debaixo desse luar de Vermont, acredite, não consigo tirar meus olhos de você. Se quer saber: sou pra você corpo e alma. Faz frio, abraçe-me. Esse feitiço, essa bruxaria que você me derramou espera uma resposta. O amor que eu tenho por você é tão profundo que eu penso em você enquanto durmo. É muito claro, nosso amor veio pra ficar. Pega minha mão, por favor, eu sou um estranho no paraíso, mas desde que te conheci eu sabia que tinha de ser você. Você sabe que não posso lhe dar nada além de amor. Considere minha sensação que parece que conversamos assim antes, que já nos olhamos da mesma forma, só não lembro onde ou quando.

E isso deve definir alguma coisa. Por exemplo, que eu estarei vendo você em todas as coisas, até que você me leve voando para a Lua. Vejo você já enevoada me levando pela mão e olhando para mim.

Minuto após minuto, hora após hora, sou seu ... te amo.

Mark.

Quando ele leu a carta, eu fiquei muito emocionado, mas achei que já a conhecia, achei que já tinha lido essa carta. Talvez um elo perdido... Voltei a ela algumas vezes, sempre com a mesma sensação de conhecê-la, mas sempre a guardava e ela ficava esquecida em alguma gaveta.

Logo no início da pandemia, recebi uma mensagem do Mark dizendo que Louise estava com Covid. Ele disse que estava preocupado, mas ela estava bem disposta e sem febre. Depois dessa mensagem, não tive mais notícias de Mark e Louise. Cheguei a telefonar para eles, mas não responderam e as notícias não chegaram. Voltei à carta. Voltei, também, porque lembrei que Mark, quando a leu para mim, disse que ela tinha um “mistério” que nem Louise o havia desvendado. E que ele me a havia dado porque eu seria capaz de desvendá-lo. Sempre achei que o mistério da carta era o mistério do amor. Quando a reli, a frase nosso amor veio para ficar me deu um arrepio. Our love is here to stay fez cair a minha ficha. Caiu. Fui lá no início e confesso o desejo de compartilhá-la com vocês, depois de tantos anos. O mistério: a carta de amor de Mark para Louise foi escrita com os títulos das canções americanas que todos amávamos - Louise, Mark e eu.

Hoje, quando a releio quase todos os dias, choro como se fosse um ritual, tipo escovar os dentes....

E agora, em que os links nos levam para os lugares desejados, compartilho com vocês enquanto espero notícias de Mark e Louise...

Ouçam a carta para Louise

Debaixo desse luar de Vermont, acredite, não consigo tirar meus olhos de você. Se quer saber: sou pra você corpo e alma. Faz frio, abraçe-me. Esse feitiço, essa bruxaria que você me derramou espera uma resposta. O amor que eu tenho por você é tão profundo que eu penso em você enquanto durmo. É muito claro, nosso amor veio para ficar. Pegue minha mão, eu sou um estranho no paraíso, mas desde que te conheci eu sabia que tinha de ser você. Você sabe que não posso lhe dar nada além de amor, mas considere que parece que conversamos assim antes, que já nos olhamos da mesma forma, que já rimos juntos, só não lembro onde ou quando. E isso deve definir alguma coisa. Por exemplo, que eu estarei vendo você em todas as coisas, até que você me leve voando para a Lua. Vejo você já enevoada me levando pela mão e olhando para mim. Minuto após minuto, hora após hora, sou seu ... te amo.

Mark.



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.